

A Lenda de Peresvet

Escrito por Anna Zubkova

**Editado e traduzido do Russo
por Vladimir Antonov**

**Traduzido ao português
por Miguel Ledro Henriques**

Esta é a história do monge Alexander Peresvet. Também inclui detalhes sobre o desenvolvimento do Hesicasmo na tradição Ortodoxa e das crenças na época da antiga Rússia pré-cristã. É uma história sobre a tentativa de prevenção do derrame de sangue na batalha do Campo Kulikovo, sobre heroísmo e amizade, e sobre o amor entre as pessoas e amor para com Deus.

Índice

Capítulo um: As canções dos maçaricos	4
Capítulo dois: O Ancião	8
Capítulo três: Ver e ouvir com o coração	16
Capítulo quatro: Hesíquia	21
Capítulo cinco: Poder invulgar.....	28
Capítulo seis: Andrey Oslyabya	34
Capítulo sete: Vlada	40
Capítulo oito: Amor e o crescimento da alma.....	46
Capítulo nove: Sobre o Conhecimento de Deus – O encontro com Jesus	55

Capítulo um: **As canções dos maçaricos**

***“Assuntos de há muito,
Contos de tempos antigos...”***
A. S. Pushkin

***O Conhecimento Antigo aparecerá novamente!
O amor será novamente a base da vida!
Com o poder do arrependimento,
a dor será lavada!
A bondade e a paz prevalecerão!***
Peresvet

Peresvet, cujo nome era Alexandre antes dos seus votos de monge, encontrava-se na margem do rio ao amanhecer.

A beleza da primavera estava por toda a parte.

Uma névoa gentil erguia-se nesta manhã maravilhosa, sem vento.

Os seus pensamentos estavam repletos de luz e alegria:

“Quão maravilhosa é esta vastidão, esta beleza natural!

O Êxtase Divino está por todo o lado, em cada gota de névoa!

O Amor de Deus está em cada lâmina de erva!

Sentem-se os fluxos de Êxtase! Fluem como a névoa, cintilando gentil e suavemente nos raios do sol nascente.

A Graça de Deus está dentro e à volta do coração espiritual — até onde os olhos conseguem alcançar... E mais e mais longe...

Deus é Onnipresente! Isto é tão fácil de experienciar durante nasceres do sol como este, no sopro transparente da vida ao amanhecer, que pulsa por todo o lado e se manifesta em tudo! Apenas é necessário tornar-se silencioso e atento! E então as maravilhas e espantos são revelados à alma por Deus!”

Dos prados inundados chegaram as vozes de grandes maçaricos, também chamados de pernaltas das estepes. Estas aves são as maiores de entre as pernaltas, do tamanho de galinhas grandes, com longos e finos bicos curvados para baixo. Aqui, na planície inundada pelo rio, elas chapinham alegremente na primavera. As suas vozes ressoam, chamamentos tilintantes e trinados borbulhantes enchem o ar claro, vindos do enorme prado inundado ao lado do mosteiro.

Outras canções de primavera de aves enchiam a transparência da manhã.

Peresvet já não era jovem. Uma longa vida de guerreiro-herói precedera os seus votos monásticos.

Quase meio século passara desde o seu nascimento numa família nobre de boiardos.

Os seus pensamentos fluíam suavemente:

“Sim, já vivi muitos verões, conheci muitos invernos...

Em tempos já idos, ouvir estes trinados dos maçaricos ter-me-ia feito pensar em caçar...

Porque é que não admirava as suas canções então? Bem pelo contrário, estaria pronto a acabar com esta maravilhosa música da vida!

Porque será que o bom pensar não surge por si mesmo frequentemente na vida do ser humano ? Porque é que o carinho não surge natural e claramente do amor do coração?

Porque é que os seres humanos guerreiam e tomam vingança uns nos outros, tentam ocupar terras alheias, ou procuram subjugar o próximo para colher tributo e impostos?

Porque é que as pessoas não podem viver em paz, por entre esta beleza da Criação de Deus? Onde se esconde a besta maléfica no ser humano? Onde se esconde a centelha de Deus que aquecerá o coração e não permitirá que a dureza entre?

Os seus pensamentos foram interrompidos pelo monge chamado Yegor, o jovem franzino que queria tornar-se um iconógrafo. O seu maior sonho era ver as Imagens Divinas com a alma para poder aprender a arte de criar ícones e aprender a retratar as Faces dos Puríssimos. Muitas pessoas no mosteiro achavam que Peresvet já tinha esta capacidade, apesar de ele não ter contado quase nenhuma das suas visões.

Yegor adorava conversas com Peresvet, e adorava estar com ele em silêncio, em obediência monástica ou outro trabalho relacionado.

Yegor pedia frequentemente a Peresvet que lhe contasse sobre a sua vida no mundo exterior, sobre o seu passado militar. Muitos jovens sonhavam com feitos heróicos e com mostrar o seu valor. Muitas pessoas queriam tornar-se significativas, não apenas no campo espiritual mas também na vida terrena.

O próprio Yegor tinha nascido durante um ano pobre, tendo crescido adoentado e pobre... Viera

para o mosteiro por causa da pobreza da sua família. Não quisera ser um fardo para os seus pais, tomando uma parte do pão que poderia de outra forma ser dado aos seus irmãos e irmãs... E quando, à luz das velas, ele vira pela primeira vez o ícone no templo, foi como se um sentimento do mundo desconhecido do Mais Alto flamejasse na alma! A presença de Deus tocou invisivelmente o seu coração.

Peresvet ajudou Yegor, com a vontade de Deus, a melhorar a sua saúde. Todas as manhãs vertia água fria do rio sobre o corpo dele, e assim foi-se tornando mais saudável.

Peresvet esperara por Yegor, e quando este chegou foram juntos ao rio. A água estava fria, o gelo tinha desaparecido apenas recentemente, mas Peresvet sugeriu que se banhassem.

Despiu as suas roupas, entrou na água transparente e tão fria que queimava, mergulhou, nadou alguns metros, voltou-se e olhou para Yegor.

Yegor ultrapassou o seu frio e também entrou na água. Mergulhou, respirou pesadamente, e começou a brilhar de alegria! A seguir regressou à margem rapidamente.

Depois do banho, começaram a transportar água para as necessidades monásticas. Por muitas vezes subiram a colina com baldes cheios.

Yegor aqueceu e a sua pele enrubesceu.

No final da tarefa, sentaram-se na colina para descansar.

Yegor perguntou:

— Como sabias que se pode ser curado pela água?

— Bem, as pessoas sempre souberam. Afinal, fazem-se diferentes extractos com água, e esta é muitas vezes abençoada...

— Mas e quanto a esta água fria? Como sabias sobre vertê-la sobre nós e banhar-nos nela?

— É sabido pelas pessoas desde tempos imemoriais. E eu experienciei-o por mim mesmo quando, na minha juventude, quase morri de ferimentos, demorando muito tempo até que o meu corpo recuperasse a sua força anterior. Agora também já sabes, e podes ajudar outros com esse conhecimento.

— Por favor, conta-me mais! — pediu Yegor com reverência.

— Mais tarde. Vem comigo cortar lenha. Contar-te-ei mais durante o descanso. E agora, é tempo de orar!

Capítulo dois: **O Ancião**

*Existe Conhecimento,
Escondido dos olhos ociosos.
Existe a Sabedoria do Silêncio Primordial.
E há aqueles que a possuem.
Eles podem partilhar esta Preciosidade
Com os outros.
Peresvet*

Peresvet pensou em como contar a Yegor acerca da sua juventude, não apenas para satisfazer a curiosidade do adolescente e ocupar o seu tempo

com conversa, mas para o encher com o conhecimento conquistado pelas suas próprias duramente conquistadas experiências de vida.

E tinham sido tantas experiências!

Tinham havido alegrias, delícias, e o fogo da juventude imprudente... Houve amizade, coragem, prontidão em arriscar a vida, aspirações para alcançar vários feitos, e o empenho em ser verdadeiro à sua própria palavra... Houve dor e desespero, e amarga decepção... E tudo passara, há muito...

Sim, tinham sido lições de vida, tanto muito brilhantes como muito duras...

E, durante a juventude de Peresvet, para o ajudar a entender como e o que Deus ensina às pessoas através dos seus muitos acontecimentos e encontros na vida, um Ancião tinha-lhe ensinado essas lições.

* * *

O Ancião, ou Avô, como muitas vezes lhe chamavam, não estava nem distantemente relacionado com Peresvet.

Ele era um homem muito estranho e pouco usual.

Vivia como um eremita na floresta, mas não era um monge ortodoxo. Ninguém sabia a sua idade. Muitos dos que o conheciam há muito tempo diziam que já há trinta anos tinha cabelo branco, e parecia não ter mudado. Por um lado, parecia velho, como os anciãos divinos dos contos, mas por outro, estava cheio de força, e tinha uma vitalidade que não era de todo de idoso.

O Ancião era alto, tinha uma estrutura poderosa, nunca parava, e tinha até uma força física heróica, mas que raramente era mostrada às pessoas. E a sua força espiritual era incomensurável! Era como se estivesse sempre escondida nas profundezas das suas palavras incisivas ou paz silenciosa.

Ele não era especialmente afável ou educado. Podia muito bem escolher não responder a perguntas ociosas, e também podia contar toda a verdade sobre uma pessoa ou situação de uma forma dura e breve.

Não ajudava toda a gente, e muito poucos lhe pediam ajuda. As pessoas tinham medo dele, e só se lhe dirigiam com pedidos em situações de necessidade extrema.

Mas animais selvagens aproximavam-se sem medo e roçavam-se nele, pássaros comiam das suas mãos. Até cães selvagens soluçavam voluntariamente, como cachorros, e prontificavam-se a esfregar-se aos seus pés em devoção. Um enorme urso vivia perto da casa do Ancião, e com ele o urso era obediente, gentil e dócil, mas os estranhos podiam chegar a ter tanto medo do animal que não voltavam a entrar naquela floresta.

O Ancião não caçava nem pescava, vivia de outras dádivas da floresta. Nunca tinha comido nenhum alimento de origem animal, nem em Lent nem fora de Lent.

Ainda que alguns o possam ter pensado, nunca ninguém tinha chamado bruxo, feiticeiro ou mágico ao Ancião, por medo do que lhes poderia acontecer se o fizessem.

Só com o tempo Peresvet entendeu que o Ancião chamava a Deus o Poder Único Criador de Tudo, o Único Criador. Mas o Ancião raramente explicava com palavras o seu entendimento das coisas na ordem do mundo.

Peresvet recordava o Ancião frequentemente.

Muitas vezes desejava que lhe pudesse perguntar coisas importantes que não tinha considerado perguntar na sua juventude.

Mas só agora Peresvet recolhia e compreendia, pouco a pouco, o que percepcionara no passado. Só agora tentava diligentemente combinar o Conhecimento introduzido pelo Ancião com os Ensinamentos de Jesus Cristo, que iluminavam agora a sua vida.

As palavras do Ancião, como que impressas na memória da alma, surgiam por vezes das profundezas, e com elas vinha um significativo entendimento – coisas secretas abriam-se, coisas óbvias eram compreendidas... O Conhecimento, o Conhecimento Universal para o qual Peresvet tão diligentemente se empenhava na sua disciplina espiritual, era assim lentamente compreendido.

* * *

Yegor esperava sempre com entusiasmo pelas histórias de Peresvet. Em antecipação de uma conversa interessante era fácil trabalhar! Peresvet cortava lenha com movimentos fortes e precisos, Yegor empilhava os troncos. E este sentia-se tão bem ao lado de Peresvet, era como se mergulhasse num fluxo de puro poder e paz de outro mundo!

Quando o trabalho estava feito, sentaram-se juntos. Yegor, com um ligeiro embaraço, lembrou a Peresvet que lhe tinha prometido uma história.

— Muito bem, escuta então.

Nessa altura sobre a qual te vou contar, eu era mais jovem que tu, tinha cerca de catorze anos.

Rodion, meu amigo e irmão jurado, e eu, sonhávamos com grandes feitos, procurando uma oportunidade de mostrar a nossa destreza e força...

Um dia, com os nossos pais fora, fomos à feira, entrámos em lutas com os nossos punhos, e em todo o tipo de divertimentos.

Rodion salvou uma pequena rapariga de debaixo das rodas de um carro de cavalos, mas partiu o seu braço direito. Ficou gravemente ferido! A ferida não sarou bem, e acabou por infectar. O médico disse que se não cortasse o braço acima do cotovelo Rodion morreria de febre negra. Mas este recusou terminantemente: “Que tipo de guerreiro seria sem a minha mão direita? Seria preferível morrer!”

Um velho servente que vivia na nossa casa disse-nos que havia um ancião que podia curar qualquer doença, se assim o quisesse.

E Rodion ardia como o fogo, ora sucumbindo ora regressando do calor...

Selei o cavalo, sentei Rodion na sela, e sentei-me atrás dele para o suportar.

Eu não sabia como encontrar aquele homem, o servente dera-me apenas uma ideia geral do caminho.

Quando chegámos à casa do Ancião, o espadaúdo velho homem saiu à soleira da porta sem

eu sequer ter batido... Tomou Rodion nos seus braços e levou-o para uma sala interior.

Então disse-me com brevidão:

— Senta-te aqui no canto e pensa bons pensamentos! Se acreditas em Deus, reza. Se não acreditas, fica calado e não interfiras!

E começou a examinar a mão de Rodion.

Procurei algum ícone com o olhar, mas não havia nenhum na divisão.

O Ancião, sem se virar, disse:

— Não devias procurar Deus em ícones, e sim no teu coração espiritual!

As minhas costas arrepiaram-se! Senti que este velho homem podia ver até de costas viradas, apesar de estar dobrado sobre o corpo de Rodion e de guiar as suas mãos de uma forma especial sobre o braço do doente.

Após cerca de um minuto, o Ancião disse-me.

— Pega num balde e vai buscar-me alguma água. O poço está no jardim.

Peguei no balde à ombreira da porta e saí da cabana. Havia um enorme urso no jardim, sem correntes, sem trela, olhando intencionalmente para mim...

E o Ancião, como se estivesse a ver toda a situação, disse a partir da cabana:

— Não tenhas medo do urso, não fará mal aos seus! Traz a água, rápido!

Sob a arrebatada atenção do urso, cruzei a distância que me separava do poço e tirei água.

O urso não se mexia, apenas olhava para mim enquanto eu ia e vinha.

O velho homem pegou no balde e mergulhou nele a mão de Rodion, toda negra. A água a tornou-se preta e a sua mão ficou um pouca mais clara.

— Traz mais água – ordenou o Ancião – e deita esta fora de forma a não tocar nada que esteja vivo!

Isto repetiu-se várias vezes até que a mão de Rodion readquiriu a sua cor normal, uma tonalidade um pouco rosada.

Em seguida, o Ancião mexeu na mão mais um pouco, combinando os ossos e cozendo a ferida.

Depois disse-me para levar um largo banco do quarto e colocá-lo junto ao poço. Pôs Rodion nele, despiu-lhe todas as roupas, e despejou-lhe em cima vários baldes de água. A seguir embrulhou-o em linho e levou-o de volta à sala.

A febre de Rodion parecia ter sido lavada pela água.

O velho homem enfaixou o braço de Rodion, cobriu-o com um cobertor e voltou às suas tarefas como se ele não estivesse ali de todo.

Depois, olhando-me de relance, disse:

— O teu irmão viverá! Se quiseres, podes ficar aqui, ou podes voltar para casa e regressar para o buscar dentro de três dias.

Decidi ficar.

Também tentei pagar ao Ancião pelo tratamento, mas ele deitou-me tal olhar que quase caí ao chão de vergonha...

No dia seguinte, Rodion já estava quase bem.

O Ancião era um pouco mais simpático com ele do que comigo. Disse-lhe que o seu braço voltaria a ser saudável.

Enquanto a mão de Rodion se curava, ficámos na cabana do Ancião durante duas semanas.

Ele começou a ensinar-nos a fazer tudo aquilo que estávamos acostumados a fazer com a mão direita com a mão esquerda.

Ri-mo-nos do nosso embaraço, e o próprio Ancião mostrou-nos como fazia tudo igualmente bem com ambas as mãos.

Explicou-nos um pouco mais sobre as suas capacidades de cura milagrosas, para que não ficasse nenhum medo supersticioso em nós:

— Não é feitiçaria, e sim conhecimento normal! Mas nem toda a gente é capaz de o utilizar.

Há conhecimento sobre a vida terrena, e sobre a vida Celestial. Se ambos são conhecidos, então mistérios que na realidade são muito simples são-nos revelados. E assim podemos adquirir habilidades úteis e importantes. Não se trata apenas de curar doenças – este conhecimento é sobre como Deus comanda que o ser humano viva na Terra!

*** * ***

Yegor ouvia de fôlego suspenso. As cenas que contava Peresvet tornavam-se vivas perante os seus olhos interiores.

E então o sino tocou. Era tempo de oração.

— Bem, contar-te-ei o resto noutra altura. – disse Peresvet.

Subiram ao pequeno templo, ainda por acabar e por pintar por dentro, mas já consagrado, e onde os serviços eram levados a cabo.

Os irmãos do mosteiro reuniam-se. O sol poente com os seus raios vermelhos e dourados brilhava em redor.

Peresvet sentia calor no seu coração agora que Deus enchia toda a sua vida! Agora, as Suas

Carícias eram palpáveis e a Sua Presença era tão significativa!

Esta alegria fundia-se com a beleza do pôr do sol e brilhava à chama das velas. Ressoava no espaço com os tilintantes sinos e as canções dos pássaros dos sulcos em redor. Hinos especiais em louvor a Deus soavam no espaço invisível...

Vida com Deus – poderá haver maior felicidade?!

Capítulo três: **Ver e ouvir com o coração**

*Invisível é o “fio condutor”
entre nós-almas e Deus...
E é importante sentir esta ligação.
Então acabam-se as preocupações
superficiais!*

*Existe a Infinitude de Deus,
n´Ela, há o Silêncio...
E a vida da alma ressoa n´Ela,
Como um fio de amor!
Ngomo*

Durante alguns dias, Peresvet e Yegor tomaram parte no corte de lenha na floresta com outros monges.

Por sugestão de Peresvet, apenas foram cortadas árvores secas que já tinham morrido por si mesmas. Era mais difícil do que simplesmente cortar todas as árvores de seguida. No entanto, para além

de proteger as vidas das árvores vivas, este método providenciava lenha seca, que queimava melhor, e também prevenia que as árvores mortas fosse depois movidas por alguma tempestade. Isto ajudava a manter o chão da floresta livre de troncos mortos, o que por sua vez facilitava os passeios dos monges nas suas buscas por cogumelos e bagas.

Passaram as noites na floresta, num abrigo de ramos.

Uma noite, depois da oração, quando todos já tinham ido dormir, Peresvet permaneceu sentado perto da fogueira.

Yegor veio ter com ele:

— Não consigo dormir, tenho frio. Posso aquecer-me aqui?

— Claro, senta-te ao meu lado, está quente aqui!

As noites primaveris eram frias mas claras.

O céu estava coberto com estrelas brilhantes. Abetos altos rodeavam a pequena clareira onde o fogo ardia.

Não havia vento, havia calma.

A beleza nocturna é especial, tão misteriosa como majestosa!

O fogo ardia brilhante. Yegor aqueceu rapidamente, mas não foi dormir.

— Conta-me mais sobre o Ancião — pediu a Peresvet.

— Muito bem. Escuta...

O Ancião começou a ensinar-nos a Rodion e a mim, como quem não quer a coisa, pouco a pouco.

Certa noite, à volta da fogueira, tivemos uma conversa, tal como estamos nós a ter agora. O Ancião estava mais falador do que o habitual, pelo

que aproveitámos a oportunidade para fazer perguntas. Eu comecei:

— Porque é que precisamos de ser capazes de fazer tudo com as nossas mãos esquerdas, se a mão de Rodion ficará totalmente recuperada em breve e a minha nem sequer esteve ferida?

— E enquanto a mão direita de Rodion ainda estiver ferida, vais alimentá-lo tu mesmo, para desenvolver a sua impotência?

Pergunto-te eu a ti, porque olhas com os dois olhos em lugar de com apenas um?

Uma pessoa tem muitas capacidades — muitos talentos oferecidos por Deus! Mas não são muitos os que o sabem, e é por isso que não os utilizam!

Podes perguntar-te como é que eu vejo tudo, mesmo estando de costas viradas para o que está a acontecer, ou mesmo estando noutro lugar... Ou como é que sei muitas coisas sobre ti sem que nunca mas tenhas dito...

Um ser humano é uma alma. E uma alma pode ver e ouvir sem um corpo! É até possível para uma alma humana conhecer o desconhecido, aprender sobre o Próprio Deus!

Vocês ainda são apenas meio humanos, mas podem tornar-se verdadeiros Humanos! Para isto, a primeira habilidade a aprender é olhar para o mundo através do coração espiritual.

— E como fazemos isso?

— A alma pode ver com os olhos do coração espiritual aquilo que é invisível para os olhos ordinários. E pode ouvir aquilo que não pode ser ouvido pelos ouvidos ordinários. Para a alma que tem esta capacidade será sempre claro que tipo de

peessoa tem à sua frente, e saberá sempre se tal pessoa está a mentir ou a dizer a verdade. Há muitos outras coisas que podem ser compreendidas se aprenderem a olhar com a alma, tal como entender como agir virtuosamente, de acordo com a consciência, ou que rumo dar à vida.

— E como aprendemos a olhar com a alma?

— Comecem por olhar para o fogo a partir do sítio nos vossos corpos onde acontecem as inalações e exalações...

Depois, para um melhor entendimento, olhem a partir da vossa cabeça, depois do abdómen, e depois novamente do centro de onde a alma pode ver.

Agora virem as costas ao fogo e tentem olhar da mesma maneira.

Ficámos curiosos, e começámos a tentar.

O Ancião disse:

— Tomem o vosso tempo! Que o fogo e a sua luz sejam as coisas mais importantes para vocês agora.

Tentem sentir o espaço à vossa volta. Primeiro tentem sentir esse espaço com o vosso corpo. É como quando podemos sentir a água quente à nossa volta quando estamos dentro de água. Ou tentem sentir o espaço do ar quente. Depois, no espaço onde o coração bate no vosso corpo, começarão a sentir um calor carinhoso. Isto torna mais fácil começar a ver com a alma.

A alma olhará com amor!

Nós ficámos muito curiosos. Agora que víamos claramente a luz do fogo com as nossas costas, tínhamos a sensação de que, com apenas um pouco mais de empenho, conseguiríamos começar a

ver a luz, o fogo, o Ancião, e o urso, que estava a alguma distância e também olhava para o fogo, suspirando ruidosamente de vez em quando.

Mais tarde, o Ancião voltou a falar:

— Agora, ouçam com o coração espiritual o crepitar do fogo, os pios das corujas, o urso a respirar...

Tudo o que existe, existe e soa no *Grande Silêncio*...

E foi assim que o Ancião nos ensinou a entender aquilo a que ele próprio chamava a *Vida com Deus em tudo*. Ele queria que nós entendêssemos o *silêncio do coração* e a *Unidade* com todos os seres vivos...

Mas nós não éramos estudantes muito diligentes, para nós era apenas diversão...

— Seria um pecado seu eu também tentasse? — perguntou Yegor.

— Porque haveria de ser pecado? Hegumen Sergius fala sobre o mesmo quando fala de Hesíquia — o conhecimento do silêncio do coração. Ele também nos fala do coração espiritual, onde se acende o amor do monge por Deus. E o Ancião ensinou-nos a mesma coisa...

Yegor começou a tentar olhar e ouvir. Mas por tentar com demasiada força, acabou por não conseguir.

Peresvet reconfortou-o:

— Nem todas as capacidades surgem à primeira. Estás a olhar a partir do coração, mas ao mesmo tempo pensas “Estou a ser bem sucedido?”. Por causa disto, a percepção da alma não é total — o pensamento impede-o!

— Mas como posso não pensar, se toda a espécie de pensamentos vêm por si mesmos?

— Pensa sobre Deus com amor! Agora mesmo, Deus está aqui, ao nosso lado! Está mais perto que este fogo! Deus está sempre aqui! Só que nós não O sentimos muitas vezes...

Peresvet e Yegor mergulharam no silêncio cheio da Divina Presença, e longamente se sentaram lado a lado no círculo de luz do fogo dançante.

Deus enchia as suas vidas com o Seu Grande Amor... E este Amor de Deus fluía como um grande rio...

Capítulo quatro: **Hesíquia**

*Que este silêncio soe
Com a boa nova, a mensagem sagrada:
Deus está próximo a cada momento!
Deus é Amor! Deus está mesmo aqui!*

*Abre as portas do teu coração, abre-as –
E conhecerás o Seu Amor!*

*Deus está mesmo aqui, Ele está dentro,
Na Radiância da Pureza Eterna!*

*E apenas uma vida confusa
No cativeiro da mente e paixões malvadas
Te impedem de conhecer
O Amor do Pai de todas as pessoas...*

Revelação de Mateus, o Apóstolo

De manhã, depois das orações, o hegumen Sergius voltou a explicar a Hesíquia, um tipo especial de silêncio interior, no seu sermão a todos os irmãos do mosteiro. Disse que as orações não devem vir da cabeça, mas devem antes “descer” e vir do coração espiritual, devem surgir do viver no coração espiritual. Também falou sobre a purificação dos pensamentos e sobre manter a atenção em Deus constantemente.

E lembrou os monges das grandes palavras dos Evangelhos: “Abençoados os puros de coração, pois eles verão Deus!” (Mateus 5:8), “O Reino de Deus está dentro de ti!” (Lucas 17:21), “Quando rezares, entra na tua câmara¹ e, fechando a porta, reza ao teu Pai em segredo.” (Mateus 6:6), e “Aquele que se une com o Senhor é um em espírito com o Senhor.” (1 Cor 6:17).

* * *

Sergius falava sempre com uma voz sentida e lacónica.

Os monges ouviam com espanto – ficavam maravilhados com a santidade de Sergius!

Para a maioria dos irmãos, o mistério da “oração inteligente”, aquela que está sempre activa no coração espiritual, parecia inacessível e inalcançável, o cume das façanhas espirituais,

¹ Aqui, “câmara” é uma metáfora para peito, onde vive o coração.

apesar das explicações do hegumen sobre como o silêncio espiritual podia ser alcançado.

Yegor também sonhava com alcançar o silêncio interior, mas até agora tinha tido pouco sucesso em consegui-lo. Apenas por vezes, por breves momentos, a sua mente se aquietava e o seu coração espiritual se enchia de alegria.

Era por isto que Yegor estava triste depois do seu sermão matinal. Pensava com tristeza que o seu fracasso se devia a que era um pecador e não merecia a Graça de Deus...

Peresvet, com a bênção do hegumen Sergius, tomava conta de Yegor e instruía-o na sua vida monástica. Yegor, por sua vez, ajudava Peresvet em muitos assuntos do mosteiro, adquirindo assim várias capacidades, algumas simples e mundanas, outras especiais e espirituais.

* * *

Certo dia, Peresvet e Yegor recolhiam rebentos de pequena-angélica para fazer sopa para os irmãos do mosteiro. As reservas de comida tinham diminuído muito durante o inverno.

O hegumen Sergius, que tornara regra do mosteiro uma vida sem adquirir posses, proibia estritamente o peditório em cidades e vilas. Esta regra vigorava desde a fundação do mosteiro e era estritamente observada, apesar de que em outros mosteiros pobres daqueles dias os monges frequentemente pedissem esmola para sobreviver.

Outra das regras de Sergius era que toda a propriedade dos monges devia ser parte dos seus bens comunitários. E todos trabalhavam para o bem

de todos tão bem como podiam. As refeições de todos também eram comunitárias.

Era uma alegria para Peresvet e Yegor colher os jovens rebentos de pequena-angélica. A tristeza matinal de Yegor foi dissolvida por esta simples tarefa ao ar livre, nos prados inundados.

Podiam sentir-se por todo o lado as gentis e vívidas manifestações da primavera – nas ravinas, colinas e covas as primulas eram brancas e azuis, o sol primaveril aquecia o ar, os pássaros cantavam as suas canções de primavera. Uma brisa gentil, ainda um pouco fria mas não forte, voava sobre a terra como se abrindo as suas asas, trazendo a cada canto uma mensagem de alegria: “Primavera! A Primavera está aqui!” Os galispos cantavam sobre os prados, e os trinados das cotovias que planavam nos céus decoravam o início de um novo dia.

* * *

Peresvet e Yegor sentaram-se a descansar numa pequena colina, com sacos cheios de pequena-angélica.

Yegor perguntou a Peresvet:

— Por favor, conta-me mais sobre Rodion e o Ancião!

— Agora não é o momento – uma conversa longa faria com que nos atrasássemos. Prefiro mostrar-te algo que o Ancião nos ensinou naquela altura. Estas bétulas aqui lembraram-me disso porque são perfeitas para o efeito! Não são demasiado finas nem demasiado grossas, e crescem em abundância. Repara, que beleza!

Peresvet aproximou-se de uma bétula jovem e esguia que balançava suavemente ao vento, como se

dançasse. Elevando a sua cabeça, admirou como os finos ramos com as primeiras folhas pegajosas se moviam a um ritmo especial contra o céu azul.

Yegor aproximou-se também e acariciou o tronco com a sua mão:

— É tão branca! Como se a primavera em toda a sua beleza a tivesse acordado!

— Abraça esta bétula, agarra-te a ela com todo o teu corpo! De tal maneira que sintas cada movimento que ela faz ao vento! Balanceia-te com ela nesta expansão de espaciosidade e beleza da primavera! Ao abraçar uma árvore desta maneira, podes sentir como Deus sustenta tudo à nossa volta e em nós, como Ele nos acaricia e abraça a todos com o Seu carinho, como uma mãe a embalar a sua criança no berço.

E depois torna-se claro para nós que o Espírito Santo permeia todas as criaturas vivas com a Sua Luz, e que é o Poder de Deus que permite que tudo no mundo viva! E então nós, em resposta, derramamos irreprimivelmente o nosso amor por Deus!

Tenta sentir o Amor de Deus, não como um ser humano, mas como uma pequena bétula! E então o teu corpo torna-se como uma bétula graciosa dançante! E a alma pode dissolver-se no Fluxo da Graça de Deus!

Yegor pressionou o seu corpo contra o tronco e caiu em silêncio. O vento embalou gentilmente o tronco branco da bétula em conjunto com o corpo de Yegor...

Peresvet sentou-se à distância. Ele sentia habitualmente o Rio de Luz Divina, e permitia que

esta Luz se tornasse visível para a alma e se unisse com o Fluxo das Carícias de Amor Divinas.

Não apressou o rapaz, para que as belas prendas do Espírito Santo pudessem revelar-se ao próprio Yegor.

Mais tarde, Yegor falou com lágrimas nos seus olhos:

— Vi a Luz de Deus! Ouvi um silêncio especial! Nunca tinha sido capaz de fazer isto antes! E queria tanto conhecer o silêncio e calor no meu coração! Queria, mas não conseguia! E então simplesmente aconteceu! Aconteceu! Foi como se restassem apenas a bétula e a Luz de Deus, e eu tivesse desaparecido!

Yegor murmurou palavras de agradecimento a Deus.

E então ele e Peresvet pegaram nos sacos cheios de pequena-angélica e dirigiram-se ao mosteiro.

* * *

Peresvet rejubilou com o sucesso de Yegor. Para muitos no mosteiro, a paz do coração, mesmo que tão só por um breve instante, era um sonho inatingível. O próprio hegumen Sergius era capaz de muitas coisas, e instruía os outros sobre elas. Mas nem todos eram capazes de as realizar...

Peresvet tentava compreender isto muitas vezes, pensando: como e porquê acontecem as diversas coisas que acontecem às almas? Porque é que algumas pessoas encontram o conhecimento espiritual facilmente, enquanto outras não? Talvez o Ancião estivesse certo quando disse que a alma vive na Terra mais do que uma vez? Poderá ser que

algumas almas são tão jovens e ainda sem habilidades, estando apenas a começar a amadurecer e aprender, e portanto aprendem mais lentamente?

Peresvet conhecia pessoas que não eram as mais mentalmente brilhantes, mas eram bondosas, tinham os corações cheios de amor. E também via o inverso, aquelas que se gabavam de ter conhecimento e ser pessoas importantes mas, ao mesmo tempo, não tinham qualquer noção de amor nos seus corações, mesmo possuindo uma lógica sem falhas e sem nunca perder uma oportunidade de lucrar...

Peresvet começara a aprender há muito a ver as almas e compreender as pessoas, mas ainda não tinha aprendido como ajudar da melhor maneira uma tão grande variedade de almas...

Tinha tido muitas conversas sobre este assunto com o hegumen Sergius. Peresvet falara sobre o seu entendimento, as suas visões especiais. Sergius escutava com atenção e nunca criticava ninguém, mas era muito cuidadoso com a introdução de novas coisas na prática monástica.

Peresvet estava feliz por Yegor! Mas, por um momento, imaginara ensinar a todos os monges a abraçar árvores, e compreendera quão rapidamente tudo se tornaria num disparate – todos achariam que era ridículo!

Claro que, se o hegumen Sergius o tivesse ordenado, todos teriam obedecido. Mas teriam todos sido bem sucedidos? Quem sabe?

Yegor era uma alma pura e transparente! Era uma alma tão sensível que o mais subtil dos toques causava nele uma reacção imediata. Tal como um

cristal começa a “cantar” quando é tocado de determinada maneira, a alma também começa a “cantar” em resposta ao amor e à pureza! “Mas não acontece o mesmo com os outros”, pensou ele.

Peresvet agradeceu a Deus pelo Seu Amor, pela Sua Grande Alegria, e por um dia tão maravilhoso! Tudo parecia estar certo no coração de Peresvet! O futuro parecia brilhante!

A resposta do Amor de Deus surgiu instantaneamente, como surge sempre assim que Lhe dirigimos todo o nosso amor. E Ele abre o Seu Abraço a essas almas, permitindo-lhes a dissolução na Sua Luz, permitindo-lhes que vivam assim – com Ele, e em Ele!

Capítulo cinco: Poder invulgar

***Se a Luz brilhar na alma,
A escuridão é impotente!***

Cedo Yegor veio partilhar as suas experiências e novos sucessos com Peresvet:

— Comecei a olhar para uma vela a partir do meu coração todas as noites, como me ensinas-te. E é tão extasiante! É como se a vela se acendesse no meu coração espiritual, como se a luz do amor por Deus brilhasse nele.

Contei ao hegumen Sergius na confissão, tinha medo que ele ralhasse comigo. Mas até me louvou! E mostrei-lhe desenhos de várias aves e flores que fiz em pequenas placas, e ele louvou-me

por isso também! Abençoou-me para que continuasse a desenhar. Até disse que quando acabasses de me ensinar a ler e escrever, ser-me-ia permitido copiar os Evangelhos Divinos e decorar as suas páginas com padrões.

Peresvet já ensinava Yegor há algum tempo, e Yegor mostrava grande diligência tanto nestes como nos seus outros estudos. O rapaz já tinha algum domínio, e conseguia ler e escrever sílaba a sílaba.

* * *

Certo dia, Peresvet e Yegor colhiam ervas para infusões, e depois da colheita começaram a preparar alguns remédios medicinais.

Peresvet tinha muito conhecimento neste assunto – o hegumen Sergius confiava-lhe o trabalho completamente.

Yegor aprendia esta habilidade diligentemente, e tentava memorizar tudo o que conseguia sobre as ervas e as suas propriedades medicinais.

Peresvet disse-lhe que tomasse notas, e assim poderia recordar melhor mais tarde e ao mesmo tempo praticar a sua escrita.

Estavam a triturar ervas em morteiros e misturá-las em proporções especiais quando Yegor perguntou:

— Conta-me mais sobre o Ancião, sobre como ensinava. Foi ele que te ensinou a reconhecer as ervas, não foi?

— Sim e não. Foi a minha esposa que me ensinou quase tudo sobre as ervas. Mas isto foi mais tarde, muito mais tarde...

E há coisas mais interessantes a contar sobre o Ancião do que isto. Tenho pensado muito sobre esses eventos, mas nem sequer sei por onde começar.

Consideremos a vida de um guerreiro comum, um que serve fielmente o seu príncipe, sonha com feitos heróicos e mata outros em batalhas – aqueles que o príncipe considera inimigos. Onde está a linha: o que é dever militar, e o que é um pecado terrível? Muitos dos sonhos e aspirações da nossa juventude, tanto de Rodion como meus, com estavam relacionados com tornar-nos corajosos soldados – fortes, bem sucedidos, invencíveis – para conquistar a glória de heróis em muitas batalhas.

O Ancião não aprovava de todo a nossa ânsia pelo heroísmo militar. E nós não conseguíamos imaginar outro futuro para além de servir com o esquadrão do príncipe. Sonhávamos com batalhas, com feitos heróicos...

Creio que foi por isto que o nosso treino com o Ancião terminou tão depressa, quase sem ter começado...

Mas a razão externa foi um certo acontecimento.

Um homem rico e com aspecto de nobre veio à casa do Ancião, e com ele vieram seis servos armados.

O urso estava pronto para carregar contra o homem e não o deixar aproximar-se – pôde sentir imediatamente a malícia do visitante.

Mas o Ancião disse ao urso com severidade:

— Senta-te quieto! Até eu te dar sinal, não interfiras!

O convidado inesperado entrou à divisão mais interior e falou com o Ancião sozinho por muito tempo.

Por fim, saiu muito infeliz, como se estivesse cheio de indignação e raiva por o Ancião ter recusado os seus desejos.

Dirigiu-se ao limite da clareira do caminho onde os servos o esperavam, mas de repente virou-se e, desembainhando a espada, regressou em direcção ao Ancião com uma clara ameaça, não como se fosse apenas insistir no pedido. Então gritou ao Ancião:

— Pedi-te com gentileza, mas ainda assim não entendeste! Por isso forçar-te-ei a vir connosco! Farás o que eu quero! Se assim for, manter-te-ei vivo e recompensar-te-ei. Caso contrário, a tua morte será tua própria culpa!

O Ancião, que tinha saído para escoltar o visitante não convidado, permaneceu silencioso no meio da clareira.

O visitante zangado aproximou-se do Ancião com a espada desembainhada e disse:

— Ouve, velho, vem connosco, ou cortar-te-ei agora mesmo! Morrerás neste mesmo lugar!

O Ancião simplesmente sorriu ironicamente e disse:

— Afinal, parece que és estúpido...

Isto acabou com o que restava da paciência do inesperado visitante, que brandiu a sua espada.

O resto aconteceu tudo num instante.

Rodion e eu apressámo-nos ao resgate, pegando naquilo que estava mais à mão – uma vara e uma força de forno.

O urso levantou-se nas suas patas traseiras e dirigiu-se aos servos, que já tinha começado a desembainhar as suas espadas.

O Ancião permaneceu calmo e não se moveu. Simplesmente apontou a palma da sua mão à espada do atacante – a lâmina parou no ar sem tocar na mão, como se tivesse embatido numa parede invisível.

O Ancião disse, suavemente mas de uma maneira que nos pôs a pele de galinha:

— Já chega! Fora daqui! Agora!

Os atacantes pareceram acorrentados por algum tipo de medo especial. Obedientemente, abandonaram a clareira e fugiram correndo, sem qualquer outro sinal de agressividade.

Nós estávamos em choque pelo que tinha acontecido, sobretudo pelo poder invisível que o Ancião tinha mostrado, parando a espada do atacante com a sua mão nua.

O Ancião disse:

— O mal não tem qualquer poder sobre o bem, a escuridão não tem qualquer poder sobre a Luz — não sabiam isso? Por vezes, quando as palavras por si mesmas não são suficientes para ajudar alguém a compreender o erro da vontade maligna, torna-se necessário ensinar através de meios mais directos.

Claro, começámos a pedir que nos ensinasse este poder.

A princípio, o Ancião simplesmente manteve silêncio, mas eventualmente explicou:

— O poder deve corresponder à compreensão humana, e não ultrapassá-lo. Por agora, uma vara e um osso são precisamente as coisas certas para as vossas mentes!

— Mas nós quisémos proteger-te, não tivémos tempo de correr a buscar armas! – respondi eu, algo ofendido.

— É exactamente disso que estou a falar! Ainda bem que foi dessa maneira!

De que serve explicar-vos agora? Este poder está directamente ligado ao Poder do Um Divino Universal. Não serve para que quem o possui se torne um guerreiro invencível, como vocês querem agora! Aqueles que querem lutar com inimigos ainda não precisam desta habilidade!

Chegou a altura de vocês irem para casa! Não contem demasiado sobre mim! Os vossos pais estarão de regresso amanhã. E está na altura de vocês voltarem, porque as vossas mães já vos enterraram nas suas mentes – os servos não vos encontram há duas semanas!

— Podemos regressar mais tarde, para que nos ensines essas coisas?

— Não, as vossas razões para querer poder ainda não são as certas. É demasiado cedo para aprenderem comigo!

Era impensável não obedecer ao Ancião, pelo que saímos nesse mesmo dia.

Yegor perguntou a Peresvet:

— Então nunca mais voltaram a ver o Ancião?

— Voltámos, mas muito, muito mais tarde...

Claro que fomos à sua casa na floresta cerca de um mês depois, pensando em pedir-lhe que nos ensinasse...

Mas quando nos aproximámos encontrámos apenas cinzas onde a sua casa estivera. Apenas o poço ainda ali estava, intacto no meio da clareira.

Pensámos que aquelas pessoas más tinham sido as responsáveis, em nome do homem que odiava o Ancião.

Não sabíamos então se o Ancião estava vivo ou tinha morrido no incêndio, mas esperávamos que tivesse conseguido fugir antes do acontecimento, sabendo de antemão o que ia acontecer, como de costume.

Tirámos água do poço e enchemos os nossos cantis, como que tentando manter as memórias naquela água.

Então encontrei e peguei do chão uma placa que estivera caída ao lado do poço. Tinha gravada uma inscrição:

“Quando a Luz brilha na alma, a escuridão é impotente!”

Parecia ser uma mensagem do Ancião para nós... Era como se ele soubesse que viríamos até ele, e que encontraríamos e leríamos esta placa...

E assim acreditámos que o Ancião estava a salvo. Mas o nosso próximo encontro com ele não aconteceu até quinze anos mais tarde.

Capítulo seis: **Andrey Oslyabya**

*Por vezes parecia-me
Que tudo no mundo estava mal!
Questionava-me: “Como deverei viver?*

Deus, dá-me um sinal!”

*E assim estive com o meu amigo
No meio da batalha, ombro a ombro.
Golpes soaram nas nossas armaduras,
E espada embateu contra espada...*

*Tendo conhecido tanto feridas como
angústias,
Procurámos pelo nosso verdadeiro caminho.
Aprendemos as lições da vida
E estávamos agora preparados para procurar o
Senhor!
Peresvet*

Yegor procurava uma oportunidade para ouvir mais da história de Peresvet. Quando o tempo certo chegou, pediu a Peresvet que continuasse:

— Mal posso esperar para ouvir o que aconteceu! Conta-me!

Peresvet continuou a sua narrativa:

— Depois dos eventos da minha última história, a minha vida com Rodion continuou mais ou menos da maneira que queríamos. Tornámo-nos guerreiros num dos esquadrões do nosso príncipe, e ficámos muito famosos pela nossa força e coragem.

Foram virtuosas todas as nossas batalhas? Não, aparentemente nem todas...

Eram frequentes as quezílias, alianças e tomadas do poder dos vizinhos entre os príncipes. Depois faziam alianças completamente diferentes, e antigos amigos tornavam-se inimigos...

Na realidade queríamos proteger a nossa gente e terra e defender as nossas cidades de atacantes, mas as nossas acções nem sempre eras verdadeiras e puras...

Acontecia por vezes que soldados com os quais tínhamos batalhado ombro a ombro eram nossos inimigos noutra ocasião...

Os soldados do príncipe podiam até escolher ir a outro príncipe, e isto acontecia e não era proibido.

Um dia, antes de uma batalha, senti tal angústia que não há palavras para a descrever!

Naqueles dias, Rodion e eu considerávamo-nos sinceramente crentes. Mas a nossa fé na existência de Deus era muito incompleta. Íamos à igreja nos feriados, participávamos nos serviços e tomávamos a comunhão.

Mas sentíamos que ainda nos “faltava qualquer coisa”, como se o que estivéssemos a fazer não estivesse de maneira nenhuma relacionado com uma vida com Deus.

A nossa fé e orações estavam separadas do resto da nossa vida.

Muito pouco tempo e espaço das nossas vidas eram dados a Deus.

E era como se o resto das nossas vidas não estivesse ligado a Deus, mas atado a batalhas, festejos de vitória e ritos funerários por camaradas caídos...

De repente, deixei de conseguir suportá-lo! Fui tomado por pensamentos pesados!

Estava sentado à fogueira com Rodion na noite antes da batalha, e ele notou que havia algo de errado comigo.

Perguntou:

— Que se passa?

— Afastemo-nos do príncipe, Rodion! Tu e eu parecemos acreditar em Deus, mas vivemos como

não-cristãos, lutando contra a nossa própria gente! Um dia os príncipes fazem alianças com lituanos, no dia seguinte com a Horda², lutando por poder e influência. E nós – por que lutamos nós?

— Se quiseres, podemos ir embora depois da batalha. Mas fugir antes seria traição! Devemos manter a nossa palavra para com o príncipe! Essa é a honra de um soldado! Anima-te, ou pensarão que és um cobarde!

— Quem se importa com o que pensam? A minha consciência ordena-me que não levante a minha espada, nem contra os meus irmãos nem contra os meus antigos camaradas.

Rodion e eu decidimos que iríamos deixar o príncipe depois da batalha, e ir viver pacificamente. Nesta altura, Rodion já era casado, e o seu filho, Yakov, estava a crescer...

* * *

Os nossos guerreiros perderam aquela batalha.

Em mim não houvera aquela inebriante coragem e destreza que normalmente surgia nas batalhas. No passado, tinha sido como se nascesse uma força comum para todo o esquadrão durante a batalha. Através disto, a valentia do exército era fortificada. Através disto, o medo da morte e da dor das feridas era facilmente ultrapassado numa explosão conjunta furiosa! Mas nesta batalha, não era que tivesse medo, mas também não tinha vontade de lutar – estava simplesmente à espera que

²A Horda Dourada.

a batalha terminasse! Não tentei matar nem ferir ninguém...

Assim, claro, fui pronta e gravemente ferido. Cai ao chão aos pés de Rodion. Ele e eu sempre lutávamos ombro a ombro...

O príncipe ordenou então a retirada.

Rodion não deu ouvidos à ordem, ficando comigo.

E eu disse, com todo o meu poderio:

— Rodion, vai-te embora... Vive por nós os dois, meu irmão!

— Está calado, eu não vou a lado nenhum!

Cobriu o meu corpo com o meu próprio escudo. Depois tomou a minha espada na sua mão esquerda e atirou o seu escudo sobre as costas para pelo menos ter algo a protegê-lo por detrás.

Permaneceu impassível e esperou...

Uma avalanche de atacantes rompeu contra ele como a corrente de um turbulento rio rompe contra uma enorme rocha.

Ele nem sequer sabia se eu ainda estava vivo, ou já morrera...

Mas ainda assim permaneceu sobre o meu corpo, sem dar sequer um passo atrás!

Manteve a sua posição e salvou a minha vida! Quando os nossos homens viram isto, acorreram a ajudar...

Nenhum dos oponentes sequer tocou Rodion. A coragem que ele demonstrou nesse dia valeu-lhe um grande respeito por parte de todos! E por muito tempo depois da batalha os nossos guerreiros e cantores tocadores de harpa recontaram o feito heróico de Rodion Oslyabya em contos épicos, para

e elevar os espíritos dos guerreiros antes das batalhas.

E assim aconteceu! Agora sabes, Yegor, que devo a minha vida ao meu irmão Andrey, e que muitos guerreiros morreram no campo de batalha, mas eu aqui estou, vivo até ao dia de hoje...

Desse dia em diante, Rodion e eu não voltámos a lutar ou tomar parte noutra batalha.

Yegor ouviu, abrindo os seus olhos com surpresa, e depois disse:

— Então esse é o monge Andrey Oslyabya?

Nem sequer me tinha passado pela cabeça que era o teu irmão jurado, Rodion! Dizem que Andrey veio para o mosteiro muito depois de ti. Pensei que Andrey era teu irmão, e Rodion teu amigo de infância...

— Ele é mais do que um irmão para mim. A vida uniu-nos firmemente. Jurámos ser irmãos quando tínhamos apenas seis anos de idade – e assim ainda vivemos!

E agora somos irmãos em Cristo!

Rodion tomou os votos monásticos quando a sua esposa faleceu e o seu filho cresceu.

— Tu também tomaste os votos de monge nessa altura?

— Não... Em breve o destino me juntou ao Ancião novamente. Mas esta é uma longa história, para contar noutra altura.

Vou a Pereyaslavl amanhã, o hegumen Sergius envia-me. O bispo prometeu livros e um ícone para o mosteiro. Se queres verdadeiramente tanto saber, pede a Andrey que te conte. Ele lembra-se desses tempos melhor do que eu. Demorei muito tempo a

recuperar das minhas feridas, e vivia numa espécie de nevoeiro...

Capítulo sete:

Vlada

*Ela é gentil como o sol da manhã
E calma como o próprio silêncio!
Ela é pura como uma primavera
sagrada transparente
E bela, como uma fada primaveril!*
Peresvet

Andrey Oslyabya e Alexander Peresvet destacavam-se da irmandade monástica pela sua estatura alta e físico de bogatyr³. Oslyabya era talvez mais mais largo de ombros do que Peresvet, e portanto parecia mais poderoso. Apesar da sua idade respeitável, a sua força era a mesma de antes – calma e poderosa.

Yegor pediu ao hegumen permissão para ajudar Andrey no seu trabalho. Sergius sorriu levemente, mas permitiu-o.

Andrey estava a colocar pedras para fazer degraus no caminho para o rio, que era bastante inclinado. Este caminho era muitas vezes fustigado pelas chuvas e tornava-se escorregadio com o barro.

³ Nos poemas épicos e histórias da Rússia, um bogatyr é um guerreiro com força, pureza e virtude lendárias.

Yegor, tendo vindo ajudar, enchia os espaços entre as pedras já colocadas com argamassa ligante, para segurar as pedras nos degraus.

O trabalho prosseguiu.

Quando acabaram o trabalho, Andrey e Yegor foram ao rio banhar-se, trocaram para um novo conjunto de roupas e lavaram as que se tinham sujado de pó e argamassa.

A seguir, sentaram-se perto do rio e descansaram.

Yegor disse:

— Peresvet contou-me sobre ti, sobre a vossa juventude, sobre o Ancião, sobre como salvaste a sua vida em batalha. E depois disse que devias ser tu a contar-me o que aconteceu depois, porque ele esteve doente e inconsciente durante muito tempo. Podias contar-me?

— Está bem, escuta...

Peresvet chegou a contar-te sobre Vlada, a sua esposa?

— Não...

— Muito bem, comecemos por aí então.

* * *

— Todos os nossos guerreiros que tinham sido feridos nessa batalha foram levados para um mesmo lugar, onde foram tratados por curandeiros e pelos lutadores que tinham pelo menos algum conhecimento sobre cura.

Compreendendo que Peresvet tinha poucas hipóteses de sobreviver, tentei determinar que seria o melhor a curar. Levei Peresvet nos meus braços e olhei cuidadosamente para todos os curandeiros.

Reparei numa jovem senhora cujos movimentos, em todas as suas acções, me pareciam ter alguma coisa especial. Olhei e não conseguia afastar os olhos... A minha mente rodopiava: “Que poderia uma donzela tão jovem saber sobre o tratamento de feridas sérias?”. Mas o meu coração parecia dizer-me que esta era a nossa única esperança.

Coloquei Peresvet no chão perto dela. Pareceu-me que ela tinha ficado ligeiramente surpreendida ao olhar para a face dele, como se tivesse reconhecido alguém querido, mas tivesse escolhido não o demonstrar.

Permaneci ao seu lado e esperei enquanto ela examinava, lavava e fazia pensos nas feridas. Então perguntei:

— Ele vai sobreviver? Podes curá-lo?

Ela levantou os seus claros olhos cinzentos para mim, abanou a sua cabeça, e disse suavemente:

— Não posso curá-lo... Só posso fazer com que ele não morra por agora. Posso prolongar o seu tempo de vida... Conheço alguém que pode ser capaz de tal cura – mas não posso prometer nada.

— Ele é meu amigo, meu irmão jurado! Daria qualquer coisa para salvar a sua vida! Mas ele não querará viver como aleijado...

— Eu não quero dinheiro nenhum. E o curandeiro de que falo não está interessado em ouro de maneira nenhuma... Encontra um carro e põe nele feno, de maneira que o teu amigo não seja abanado pelo caminho. Vamos ver o tal homem. É longe – três dias de viagem.

— Como te chamas?

— Vlada.

— O meu nome é Rodion, o nome do meu amigo é Peresvet.

Vlada, movendo ligeiramente os seus lábios como se beijando os sons, repetiu o nome de Peresvet suavemente, como um eco.

Eu disse adeus ao príncipe, encontrei um a boa carroça e preparei nela uma cama confortável.

Vlada aproximou-se do cavalo arreado a essa carroça, afagou-o muito gentilmente, e sussurrou-lhe algo. Só depois se sentou na carroça e tomou as rédeas com uma mão. Com a outra mão, apertou a mão de Peresvet na sua.

Viajei a seu lado, e o cavalo de Peresvet seguiu-nos obedientemente.

Quando tentei falar com Vlada, ela pediu:

— Se queres que cheguemos lá com o teu amigo vivo, não me distraias falando sem uma razão importante. Tenho que tentar manter o poder da vida nele...

E assim viajámos em silêncio.

Parámos durante a noite apenas por um curto espaço de tempo, e fizemos uma fogueira. Era final de Outono, e estava frio.

Vlada sentou-se perto do fogo. Não conseguia aquecer-se, e tentou esconder os seus tremores. Todo o dia, ao olhar para ela, tinha sentido a sua confiança especial e força clara. Mas agora parecia-me tão frágil e indefesa! Pus mais lenha na fogueira, cobri-a com o meu manto e sentei-me ao seu lado.

Vlada disse suavemente:

— Por vezes é o cansaço que torna tão difícil manter o calor. Mas assim, perto do fogo, aquecerei rapidamente.

Ela falou por sua própria iniciativa, pelo que senti que podia perguntar aquilo que era especialmente importante para mim naquele momento:

— Este curandeiro, que Deuses venera? Peresvet e eu somos cristãos, portanto não seria bom se esse feiticeiro fosse de outra fé...

Vlada olhou para mim com tristeza:

— É demasiado tarde para te lembrares disso! Afinal de contas, não podemos voltar para trás, não é?

— Bem, eu tenho estado a pensar em falar sobre isto contigo há muito tempo, mas tu disseste-me para manter silêncio!

— Não tenhas medo supersticioso! Ele não é um feiticeiro! Nem sequer é um curandeiro! Ele é um Mago! Lembras-te? Nas Escrituras sobre Jesus Cristo, há uma história sobre a adoração dos Magos. Estes Homens Sábios souberam *do alto* sobre o nascimento de Jesus e vieram adorá-lo. Este é o mesmo tipo de Homem Sábio.

— Veio das terras do Este?

— Não... Em tempos de escuridão, Grandes Almas nascem em muitas nações para suportar as forças da Luz no mundo para que a escuridão não engula completamente as pessoas... Ele serve apenas Deus!

Vlada pensou um pouco, depois decidiu-se e disse algo importante:

— Deus – Ele é Um e Único para todos os povos! Mas as pessoas esquecem-se disto e é por isso que há diferentes credos. É por isso que as pessoas chamam Àquele que criou tudo por diferentes nomes...

Vlada caiu em silencio.

Eu não fiz mais perguntas.

Após algumas horas de descanso, continuámos a nossa jornada.

Ao terceiro dia, perto do anoitecer, aproximámo-nos de um rio.

Vlada disse com severidade:

— Espera aqui, e não faças nenhum ruído!

Tive que esperar muito tempo, mais do que meia hora.

Ela regressou num barco. As suas longas e loiras tranças estavam muito molhadas – ela tinha atravessado o rio a nado naquele frio!

Cuidadosamente, deitámos Peresvet no barco.

Vlada disse:

— Entra no barco comigo. Trataremos dos cavalos mais tarde. Não posso transportar o teu amigo para a caverna sem ti.

Navegámos um pouco rio abaixo, até um lugar onde o rio fazia uma curva apertada. Havia uma abertura num banco alto e inclinado. Parecia muito estreito, mas o barco passou. Vlada e eu tivemos que nos baixar para passar pelo tronco de uma árvore que pendia sobre o estreito canal, tornando-o imperceptível. Então o canal alargou, tornando-se como um lago fundo e redondo de água clara, rodeado por bancos rochosos altos e inclinados. Uma cascata fluía pela encosta oposta numa corrente estreita. Era visível que esta corrente, ao cair do alto ao longo de muitos séculos, tinha escavado o lago.

Ancorámos numa pequena praia arenosa e começámos a subir os degraus esculpidos na parede quase vertical da caverna.

Vlada liderou o caminho. Eu levei Peresvet nos meus braços, fazendo todos os esforços para não tropeçar. Quando entrámos na caverna, havia à nossa frente um velho e alto homem em roupas brancas.

Com incrível surpresa, reconheci o Ancião!
— Olá olá, Rodion!

Eu estava maravilhado – por já conhecer quem vínhamos ver, por ele se lembrar do meu nome, e por parecer que se tinha tornado mais jovem desde o nosso último encontro há quinze anos atrás!

Ele estava majestoso, apesar de usar roupas simples. O seu longo robe branco não tinha qualquer bordado ou ornamentação, e estava cintado com uma corda de linho. O seu cabelo e barba eram brancos como a neve.

Pela primeira vez em vários dias, eu estava em paz e feliz – sabia com toda a certeza que tudo iria ficar bem!

Capítulo oito: **Amor e o crescimento da alma**

***“Amemo-nos uns aos outros
Porque o amor é de Deus!
Quem não ama, não conhece Deus,
Porque Deus é Amor!” (1 João 4:7-8)***

***“Se nos amarmos uns aos outros,
Então Deus habita em nós,
E o Seu Amor perfeito
Está em nós!” (1 João 4:11-12)***

***“Deus é Amor,
E todos os que vivem em amor
Vivem em Deus,
E Deus vive neles.” (1 João 4:16)***

***“Que a Minha Alegria esteja em vocês,
E que a vossa alegria possa ser total!
Este é o Meu mandamento:
Amem-se uns aos outros,
Como Eu vos ameí a vocês!” (João 15:11-12)***

***“Quem está unido com o Senhor
É um com Ele em Espírito!” (1 Coríntios 6:17)***

***“O Reino do Céu é tomado com grande empenho,
E aqueles que se empenharem
Alcançá-Lo-ão!” (Mateus 11:12)***

***“Quando (...) formos como Ele (...)
Vê-Lo-emos como Ele é!” (1 João 3:2)***

**O caminho que levava a Pereyaslavl era longe,
e a cidade não podia ser alcançada num só dia.**

Peresvet viajou com leveza e sem se apressar.

O ar livre do campo era maravilhoso!

**Quantas vezes antes já tinha ele caminhado e
cavalgado na terra...**

**Quando a paz e tranquilidade não são
perturbadas pelas batalhas e lutas das pessoas, a
beleza da natureza traz sempre alegria ao coração!**

**Nas puras vastidões dos prados e estepes a
alma abre-se em toda a sua largura e abraça tudo,**

tão longe quão forte for! É como se, sem esforço, os enormes invisíveis braços da alma crescessem para abraçar toda esta beleza! E então começam a tomar nos seus enormes, carinhosos e fortes braços todos os prados florescentes e estepes infinitas!

E na densa floresta a alma mergulha num silêncio especial, como se o corpo desaparecesse por entre os troncos das árvores, e existisse apenas a floresta com as suas folhas sussurrantes por todo o lado!

Algures lá em cima, os ramos das árvores tocavam o céu azul com um belo rendilhado de folhas, e as raízes iam fundo à serenidade e poder da Terra!

Só havia a floresta e o altíssimo véu azul por cima dela!

Debaixo do céu estão as profundezas da Terra que nutrem toda a vida, e carregam todos os seres nas suas costas.

Por entre tudo isto, o corpo do ser humano é como uma pequena lâmina que cresce e vive de acordo com a Vontade de Deus...

Neste corpo, a alma desenvolve-se. Foi assim determinado por Deus, e é assim que a vida na Terra é por Ele organizada!

Uma alma humana vive para que possa conhecer o seu Criador-Deus, para que possa amá-Lo tanto que as alturas de Deus se abrem! E o Próprio Pai Celestial aparecerá à alma!

A estrada da floresta levou Peresvet da densidade arbórea à vastidão aberta dos prados. À distância, o rio Kubr via-se azul.

“Maravilhoso, mais de metade do caminho já está feito!”

Peresvet sentou-se para descansar debaixo de um choupo poderoso e alto, e encostou as suas costas ao seu tronco.

A enorme árvore aceitou gentilmente o viajante na sua sombra. Era fácil e natural para Peresvet sentir correntes brilhantes de poder vital no tronco. Ele conseguia também sentir a imensidão da coroa com as suas folhas a sussurrar ligeiramente, assim como as raízes que ligavam a árvore à Mãe Terra! Era como se, por algum tempo, a árvore se tivesse tornado parte de Peresvet, este se tivesse tornado como ela, e as suas raízes crescessem profundamente para a Terra, como se o seu tronco do tamanho de três braçadas se esticasse para o alto, e a árvore até alcançasse o céu com os seus muitos braços-ramos enquanto acariciava o ar com os seus folhosos dedos...

“É tão fácil, sentir o poder e paz da árvore desta maneira, e sentir a sua ligação com toda a Criação de Deus e com todo o Criador! Como é que as pessoas se esqueceram destas possibilidades tão simples – de sentir a Vida Divina em tudo o que existe?

E foi Vlada quem me ensinou tudo isto...

Peresvet foi até à margem do rio.

As memórias de Vlada, daquele grande amor terreno que acordara nele o amor por Deus, surgiram involuntariamente.

Peresvet não resistiu àquelas imagens do passado. Pelo contrário, permitiu que a sua memória reproduzisse os estados de amor, queridos ao seu coração, que sentira então tão intensamente pela primeira vez!

Este amor não tinha ido a lado algum, continuava a viver na alma – como um tesouro, como uma luz insaciável que nunca podia enfraquecer, nem mesmo com a passagem de tantos anos. Em lugar disso, este amor tornara-se ele, e nele se tinha purificado e crescido, maturado, e tornado mais próximo do entendimento de toda a Vida e do Próprio Deus! Este amor revelara-lhe o Mundo de Deus!

* * *

Quando Peresvet abriu os olhos, depois de tão graves ferimentos e de longo esquecimento, viu-a imediatamente – Vlada, incrivelmente gentil e tão bela!

Cabelo louro claro entrançado, olhos calmos e profundos como as profundezas de um lago... Um corpo esguio e flexível... Movimentos espantosamente gentis e suaves... A sua pureza de alma, através das mãos do corpo, tocavam tudo em redor facilmente, e luz fluía através dos seus olhos.

O seu olhar podia encher toda a gente com uma ternura e carinho especiais.

A sua presença transformava todo o espaço à sua volta, enchendo-o com amor que era sentido pela alma como um toque subtil.

Em conjunto com este regresso à vida, a Peresvet chegou também o amor por Vlada. Era como se este amor tivesse estado a dormir na alma, como um botão de flor pronto a abrir, e tivesse acordado de repente, com tanta força que lhe deu força para sobreviver e recuperar!

Este amor era mútuo, e Vlada não o escondeu.

Ela estava muito feliz por Peresvet ter despertado!

Chamou Rodion, ele veio e inclinou-se sobre a cama do amigo:

— Finalmente! Estás inconsciente há mais de uma semana!

Sabes quem te está a tratar?

— Vlada... Foi como se tivesse estado a sonhar com a sua face e mãos.

— Sim, Vlada! Ele é uma curadora extraordinária!

E não vais acreditar, mas o Ancião está aqui! Lembras-te dele? Vlada é sua discípula.

O Ancião quase não interferiu com o tratamento de Peresvet, estando ocupado com outras coisas.

Limitava-se a vir de vez em quando à cama e olhava atentamente, como se visse através de tudo. Depois dizia algumas palavras, e ia embora.

Por exemplo:

— Porque é que respiras superficialmente, como se estivesses apenas meio vivo? A respiração no ser humano pode ser unida com o Espírito Divino! Inspira o ar, em conjunto com a Luz de Deus! E expira de tal maneira que não fique nada no teu corpo para além desta Luz! E assim a ferida no teu peito começará a sarar!

A seguir Vlada explicava em detalhe aquelas escassas instruções do Ancião.

O Ancião enviou Rodion para casa passado pouco tempo, dizendo:

— A tua esposa está à tua espera, o teu filho está a crescer. Vai! Quando chegar o Verão, Vlada já terá acabado de cuidar do teu amigo!

Rodion, claro, obedeceu e partiu.

A força regressou a Peresvet muito lentamente. Estava deitado numa cama numa caverna muito grande, bem equipada para estadia permanente. No centro da maior câmara havia sempre uma fogueira acesa, cujo fumo saia facilmente por um buraco no tecto. A caverna ia profundamente para dentro da suave rocha calcária.

Certa noite, Peresvet ouviu Vlada rogar ao Ancião:

— Cura-o, por favor! Não há ninguém no mundo que me seja mais querido!

— Eu sei! É por isso que serás tu a curá-lo! Usarás tudo o que te ensinei, e chegar-te-á novo conhecimento de Deus. Entendes que curá-lo de uma só vez com o Poder de Deus não seria de muita utilidade. Mas quando tu mesma o ajudares a conhecer o poder da alma e a acordar o Poder de Deus em si mesmo, então o benefício será enorme! Uma pessoa pode curar-se a si própria de qualquer doença com a Ajuda de Deus, mas normalmente não sabe como... E tu sabes, por isso cura-o!

E assim, Vlada tratou-o.

Ela ensinou a Peresvet um tipo especial de respiração, através da qual ar-luz enchia todo o corpo e se movia dentro dele.

Ela ensinou-o a sentir o poder da Mãe Terra directamente a partir da caverna, a sentir a sua superfície com relva, com árvores, com pássaros e animais gentis.

Ela ensinou-o a sentir tudo isto com a alma, para que o seu poder pudesse penetrar no seu corpo e enchê-lo.

Quando Peresvet pôde sair da caverna, ela ensinou-o a banhar-se num buraco no gelo para que

todos os restos de fraqueza abandonassem o seu corpo, e a sua força se renovasse.

Noutras alturas, ela ensinou-lhe como era possível sentir a água, tornar-se o silêncio, paz e transparente profundidade do lago.

Ensinou-o a limpar-se a si mesmo usando fogo e a luz de uma vela ou fogueira.

E mais tarde, na Primavera, ensinou-lhe como unir-se com a luz e fogo do sol brilhante.

Vlada também revelou a Peresvet maiores profundidades do conhecimento espiritual. Por exemplo, mostrou-lhe como perceber a Luz de Deus – a Luz do Espírito Santo – e como unir-se com Ela.

Ela ensinava tudo de uma maneira tão simples! Tudo o que os rodeava – a caverna, a fogueira, as árvores, a pequena cascata, o rio, o lago, a vastidão dos prados, a floresta – todos providenciavam maravilhosas oportunidades para as suas lições!

* * *

Peresvet tirou os seus sapatos na margem do rio. A água ligeiramente fria fluía, acariciando os seus pés cansados de andar, e as memórias quentes enchiam-no.

Recordou como Vlada lhe ensinara na Primavera a sentir como se estivesse deitado no fundo do rio, enquanto o seu corpo se encontrava na margem.

Ela dissera:

— Uma alma não deve ser prisioneira da carne de um corpo! Aqui está uma experiência para ti: sente-te a ti mesmo deitado no fundo do rio.

— Como se me tivesse afogado?

— Não, como se conseguisses respirar facilmente debaixo de água – admira a luz do sol através dela, toca a areia no fundo, e observa as algas ondulantes...

Também podes nadar, enquanto alma, na corrente deste rio...

No presente, Peresvet tentava fazer este exercício e sentia como os jactos da água do rio fluíam à volta e através dele, e sentia quão fácil e livremente a alma poderia nadar assim mesmo, num curso de água saturada de luz solar! Recordou como uma acção tão simples tinha ajudado Vlada a ensiná-lo a flutuar no Fluxo de Luz do Espírito Santo, a dissolver-se nesse Fluxo!

Peresvet estava surpreendido por quão naturalmente a memória da alma ressuscitava as memórias desses estados exaltados que ele tinha experienciado antes. Agora, o Fluxo da Luz Viva de Deus tornara-se a Realidade naturalmente percebida. O seu corpo permaneceu na margem do rio, enquanto a alma flutuava em União com o Grande Rio da Luz Divina, que fluía gentil, ampla e distantemente!

Facilmente, como por si mesma, a oração-meditação “Pai Celestial” soou na Luz subtilíssima.

E não havia quaisquer contradições entre o conhecimento dos Magos que o Ancião e Vlada possuíam, e os Ensinamentos de Jesus Cristo sobre o Pai Celestial e o Amor de Deus!

Na pureza do Amor, tudo isto era Um Eterno Conhecimento do Divino!

Capítulo nove:

Sobre o Conhecimento de Deus

– O encontro com Jesus

*“Deus, que fez o mundo e todas as coisas nele,
Não habita nos templos feitos por mãos,
Nem é servido pelas pessoas como se precisasse de
alguma coisa.*

*Ele... não está longe de qualquer um de nós.
Não devemos pensar que o Divino
É como ouro ou prata ou pedra,
Ou uma imagem,
Formada pela arte e pensamento do ser humano.*

Actos 17:24-29

Peresvet regressava de Pereyaslavl com as prendas do bispo.

Entre estas havia dois livros: a Bíblia em grego e uma lista dos Evangelhos em processo de tradução. Ambos livros eram maravilhas manuais, mas a prenda mais preciosa era um ícone com uma bela pintura da face de Jesus.

O ícone era pequeno e novo, mas executado com grande habilidade. Era como se faltasse pouco para que esta face ganhasse vida no mundo material. Era como se o Próprio Jesus tocasse o mundo com a Sua Presença Divina se se olhasse para a pintura com um coração amoroso por tempo demorado.

Peresvet sentiu isto assim que lhe pegou com as suas mãos e olhou para ela com reverência...

Contudo, nem o bispo nem os monges de Pereyaslavl diziam que este ícone era especial – evidentemente, não tinham reparado.

Peresvet lembrou-se de como o Ancião e Vlada lhe tinham dito e mostrado como as Almas Sagradas se podem revelar às pessoas encarnadas, isto é, como se podem tornar visíveis e encher o espaço com o Amor Divino. Também explicaram que nem todas as pessoas conseguem perceber isto logo à primeira, e que a capacidade da alma de ver e ouvir Deus pode ser desenvolvida.

* * *

Peresvet notou com um sorriso interior que ainda chamava ao Ancião, para si mesmo, o grande Mago Beloyar, ao qual o destino o tinha juntado duas vezes na sua vida.

Tinham tido, claro, muitas conversas importantes durante a sua longa recuperação.

Lembrava-se de como tinha perguntado certa vez:

— Pode o ser humano ver Deus?

E o Ancião respondeu:

— Não, e sim...

— Como assim?

— Para começar, uma pessoa “cega” que está aprisionada no corpo deve aprender a ver através dos *olhos da alma*, e a perceber o mundo através do coração espiritual.

E, para ver Deus, é necessário entender o que se quer dizer com a palavra *Deus*, que significado lhe é atribuído.

Por exemplo, conseguirias ver Jesus ou a Deusa Lada. Ambos viveram em corpos na nossa

Terra. Por vezes, ao longo de milhares de anos, Grandes Almas como essas vêm a este mundo e trazem os Verdadeiros Ensinamentos às pessoas. Vieram muitos Mensageiros assim a este mundo – não apenas Jesus!

E mesmo depois das Suas vidas terrenas terem terminado, podem facilmente refazer as Suas Imagens Divinas quando necessário. Isto é uma grande ajuda para aqueles que estão empenhados no conhecimento espiritual. As Almas Divinas podem dizer importantes palavras à pessoa, ou simplesmente oferecer-lhes o Seu Êxtase, suportando a sua fé e aspiração. Assim são os Filhos e Filhas de Deus!

Por vezes, as pessoas veem outra coisa – imagens imaginárias adoradas por muitos crentes. Mas mesmo através de tais imagens o Espírito Santo pode escolher manifestar-Se para ajudar aspirantes sinceros.

Quem é o Espírito Santo? Também não entendes isto, pois não?

É o Poder Divino, que é Mestre de tudo na Criação, agindo em todo o lado. O Espírito Santo é a Unidade, a União de todas as Almas Perfeitas!

Por vezes agem unidos, fundidos, como muitos pequenos riachos fluem para um grande rio. Outras vezes manifestam-Se como que separados, mas todos Eles procedem da Consciência Divina Única de Tudo.

O Espírito Santo pode ser visto como Luz ou Fogo Divino. Ou pode revelar-Se em Aparências Divinas.

Ainda não entendes isto, o teu entendimento ainda está apenas ao nível das minhas palavras.

Mas o verdadeiro entendimento acontece quando vês claramente com a alma, quando vivencias – uma experiência tão real que nunca duvidarás!

Contar-te-ei mais, já que perguntaste.

Há Algo mais, Aquilo que é chamado *Deus* pelas pessoas. Este é o Grande Poder Criador de Tudo, que habita na Calma Primordial. Este é Deus Pai, Svarog, o Mais Alto – povos diferentes dão-Lhe diferentes nomes! Ele é transparente e invisível para o olho comum. Ele existe em todo o lado, permeando tudo Consigo Mesmo.

Mas a Consciência Primordial não se mistura com nada, pois é a Mais Subtil do Subtilíssimo. É indivisível em situações normais, mas pode ser sentida e vista por aqueles que estão preparados para entrar no Reino Celestial, que se aproximaram desse estado por si mesmos, enquanto almas.

Estás habituado a chamar à Morada do Criador o Reino de Deus, não é verdade? Já ouviste o que é necessário para entrar nesse Reino?

Ou também chamam à Morada do Criador, Céu? Entendes que este não é um céu azul com nuvens, mas a vastidão do Ser de Deus?

Jesus disse: “O Meu Pai e Eu Somos Um”⁴. Mas quantas pessoas hoje entendem realmente o que este *Um* é?

E Todos os que Alcançaram estão unidos neste *Um*, isto é, Deus!

Deus Pai, Deus o Filho, Deus o Espírito Santo... Já comesças a entender um pouco quem são Eles? Já tinhas lido ou pensado sobre isto antes?

⁴ João 10:30

— Não, não li muito... Nunca procurei conhecimento sobre as coisas espirituais...

— E agora estás à procura?

— Agora quero entender tudo, mas talvez não o esteja a fazer da maneira correcta...

— Pois, ainda não...

Bem, agora que a conversa terminou, aprende que Deus está em todas as coisas manifestadas, porque Ele criou tudo a partir de Si Mesmo; e Ele fez isto tornando as coisas mais subtis mais e mais densas, mas não grosseiras.

Talvez seja por isto que muitas pessoas veneram as forças da natureza – o sol, o fogo, as árvores. A questão é que, gradualmente, o Conhecimento sobre o Único Criador por detrás de todas as manifestações visíveis e invisíveis vai-se embora e desaparece. Disto resulta algo muito triste – toda a fé é reduzida a ídolos, pedras, arvoredos e fogos rituais...

O Ancião caiu em silêncio, levantou-se abruptamente e foi para as profundezas da caverna...

* * *

Durante estas conversas com o Ancião, Peresvet ouviu muitas coisas pela primeira vez.

Depois de cada conversa ele tentava estudar o que tinha aprendido, tentando conseguir um verdadeiro entendimento. Não foi imediato, mas muito lentamente este entendimento verdadeiro veio. Gradualmente, foi revelada uma visão clara dos subtilíssimos mundos Divinos. Esta visão surgiu à medida que a alma desenvolvia capacidades através das técnicas que o Ancião e Vlada lhe ensinaram.

Agora, ao regressar ao mosteiro com as prendas, Peresvet experienciava uma alegria espantosa – uma consciência vívida da Presença Divina!

Era o sentimento de que, atrás das suas costas – mesmo onde estava o saco com as prendas – se abriam as Portas para a Infinitude da Luz e Amor Divinos. Era como se, imediatamente por detrás das costas do seu corpo, houvesse uma Parede Infinita da Luz do Espírito Santo. E ali onde o coração espiritual residia no seu peito, havia uma passagem para esse Infinito! Era como se dois mundos existissem lado a lado, e entre eles apenas uma fronteira transparente.

A estrada da floresta via-se adiante, o sol brilhava através das folhas, os pássaros cantavam. Mas assim que ele olhava para trás a partir do seu coração espiritual, lá estava a incomensurável vastidão da Luz Sagrada e Divino Amor!

Peresvet parou um pouco, para não perder esta maravilhosa Prenda Divina. Mas a Parede de Luz Clara não desapareceu, e a Luz gentil rodeou e envolveu Peresvet por todos os lados...

E então Peresvet viu Jesus. Não como um ícone, mas a Face Viva de Jesus com a consistência da Luz mais subtil. Esta Luz cintilou, cresceu!

Jesus aproximou-se de Peresvet. Todo o exterior desapareceu da percepção, havia apenas Jesus!

E Jesus disse:

— Porque é que tu, bravo cavaleiro Peresvet, ainda temes em acreditar totalmente na Minha Realidade e Onnipotência? Porque é que por vezes dúvidas daquilo que clara e eternamente já sabes?

Jesus aproximou-se, tomou a mão de Peresvet e continuou:

— Sentes isto? Aqui, estou contigo! Continuarei a guiar-te sempre, mesmo até à morte do teu corpo, e encontrar-me-ei contigo depois do limiar! Não temas estar próximo de Mim, de ser querido por Mim! Estou aqui contigo agora, não em ícones ou nas palavras das Escrituras. Isto é apenas uma lembrança de que estou com cada um daqueles que se viram para Mim com amor! Eu tomo cada um dos que confiam em Mim pela mão, e guio-os através da vida, como faço contigo!

E então Jesus começou a afastar-se, dissolvendo-Se na Luz. Peresvet tentou segui-Lo... Mas não pôde entrar ali definitivamente – no Infinito. Permaneceu no mundo onde o seu corpo se encontrava no chão. Mas a alma, transbordando com o Amor de Jesus, brilhou intensa e vastamente!

Anteriormente, Peresvet vira a face de Jesus algumas vezes, com Vlada e o Ancião. Mas nessas alturas pensava que era através deles que o Amor de Deus lhe era dado. Tinha sido há muito tempo atrás, e não tão claramente como agora, mas antes como se fosse um sonho ou visão...

Agora, tinha surgido um claro Conhecimento da realidade de tudo o que lhe estava a acontecer!

*** * ***

Peresvet continuou o seu caminho.

Por vezes, um pensamento ligeiramente desconcertante surgia repentinamente na sua mente: “Como posso dizer a Sergius que vi Jesus, que ouvi as Suas palavras, toquei a Sua mão? Se lhe contar,

eu, um simples monge, serei ou reconhecido como um santo ou chamado “uma tentação do diabo”.”

Mas Peresvet não tinha qualquer dúvida – Jesus Vivo tinha falado com ele! E assim devia ser: porque Jesus – o Erguido – estava vivo para sempre!

A Luz Clara continuou a brilhar nele, e o seu corpo estava cheio de uma luz inexprimível, como se o seu corpo terreno se tivesse tornado Parte desta Luz!

* * *

Já era de noite quando os ladrões atacaram Peresvet. Eram dois.

Ele sentiu a aproximação por detrás, como se fossem duas sombras escuras. Sorriu levemente com o pensamento de que agora também ele, tal como o Ancião, podia ver “com as costas”.

Com o mesmo sorriso virou-se para trás, e em poucos momentos interceptou um bastão com o qual um dos atacantes o queria atordoar e atirou a faca das mãos do outro.

Peresvet não teve muita dificuldade com esta situação. A sua antiga força apenas tinha aumentado com a idade, tornando-se até diferente – calma e poderosa.

Com os ladrões já no chão, nem se deu ao trabalho de os atar, perguntando calmamente porque se tinham atrevido a cometer o crime.

Eles responderam:

—Não comemos há três dias...

Peresvet tirou pão do seu saco, tomou o frasco com água do seu cinto e entregou-os aos homens.

— Aqui têm. Não há mais comida no meu saco, apenas livros e um ícone.

Peresvet tirou o ícone para fora cuidadosamente, e disse:

— Rezem, e depois comam.

Partilharam uma longa noite juntos à fogueira. Foram importantes, as palavras de Peresvet sobre Jesus, fé e uma vida virtuosa...

Como resultado, os dois homens, que tinham passado os últimos anos das suas vidas envolvidos em roubos, pediram que Peresvet os levasse com ele ao mosteiro para se arrependerem.